

Breves notas sobre inovação e ato em filosofia

Luciano Assis Mattuella¹

O que se espera de um filósofo? Ou melhor: o que se espera como resultado do ofício que é filosofar? Estamos partindo do princípio de que há uma completa diferença entre simplesmente colocar-se a pensar livremente sobre o mundo e elevar o mundo ao estatuto de um *problema filosófico* a ser pensado. O trabalho do filósofo, assim, não se esgota na “filosofia da vida cotidiana”, para aludir a Freud, mas vai mais além. O que é, entretanto, este *mais-além* com o qual se ocupa o pensamento filosófico?

Outra questão que se coloca é sobre a possibilidade de que o filósofo diga algo *novo*, não apenas uma *novidade*. Dizer algo *novo* implica produzir um discurso que seja mais do que um modo diferente de dizer o que já foi dito. Em última instância, portanto, dizer algo *novo* lança aquele que profere o discurso em uma espécie de posição de desamparo, pois supõe-se a, por que não dizer, *coragem* necessária para olhar criticamente para a Tradição e “julgá-la”, como diria Nietzsche. Dizer algo novo, no campo da Filosofia, assim, requer a possibilidade de separar-se da alienação ao discurso do passado, encontrando em sua rígida estrutura a capacidade de *assombro* - lembramos aqui, naturalmente, de Aristóteles.

Não seria próprio do *filosofar*, então, este assombro? Um discurso filosófico (materializado em obra escritas, palestras faladas...) que apenas “renda homenagens” à Tradição seria *propriamente filosófico*? Nesta expressão - *propriamente filosófico* - não está já suposta a idéia de *ato*? Mas um *ato* no sentido específico que a psicanálise formula, ou seja, um ato como uma possibilidade de ir além da intenção, de surpreender-se com os efeitos produzidos por uma ação. Surpreender-se consigo mesmo em seu ofício. Um *ato filosófico*, assim, não teria em sua própria estrutura o assombro de que falava Aristóteles, um assombro como uma forma de mistério contido na própria tarefa de filosofar? O ofício do filósofo teria algo a ver, desta forma, com a possibilidade de estranhar o mundo em sua aparente obviedade.

¹ Doutorando em Filosofia - PUCRS.

Se o ato filosófico, ou seja, aquele ato que rende como *efeito* um filósofo, implica alguma relação com o mistério - com o *assombroso* -, então podemos pensar que o filósofo está às voltas, em seu trabalho, com a dimensão do *impossível* sobre a qual Sigmund Freud fala no pequeno artigo *Prefácio a Juventude Desorientada de Aichhorn* (p. 341):

Minha cota pessoal nessa aplicação da psicanálise [à educação - LAM] foi muito leve. Em um primeiro estágio, aceitei de *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis - educar, curar e governar -, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas.

Ora, não poderíamos pensar, seguindo a inspiração de Freud, de que também a filosofia é um ofício *impossível*? Mas o que se pode entender por isso? Se o *dizer* filosófico fosse tão-somente um manejo das possibilidades já existentes, não estaríamos falando de um ato que pudesse produzir algo de novo, mas de uma ação no mundo que apenas re-arranjasse aquilo que está dado. Não haveria inovação, portanto. Logo, todo ofício que se ocupa em *propor algo diferente* deve, necessariamente, haver-se como o *impossível*, o ainda não dito.

O que Freud quer dizer com “profissão impossível”? Se lembrarmos de uma outra referência à esta questão, no artigo *Análise Terminável e Interminável*, talvez possamos avançar neste ponto: “Quase parece como se a análise [no nosso caso, a filosofia - LAM] fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (p. 282). Chegar a um “resultado insatisfatório” não pode ser entendido, também, como a possibilidade de encontrar, após o ato, algo que não era esperado, algo vindo justamente desta dimensão do *assombroso*? O resultado *satisfatório* não é justamente a mediocridade do pensamento, a sua tautológica *mesmice*?

Podemos pensar esta questão também desde uma outra perspectiva, que talvez se conjugue com a qual viemos até agora trabalhando. Talvez seja interessante pensar que esta impossibilidade de que fala Freud se torna factual apenas se levarmos em conta uma posição subjetiva específica daquele que busca operar o *ato* (filosófico). Com

relação ao *ato analítico*, esta é a hipótese que encontramos em Jacques Lacan, especialmente naquilo que é produzido durante os anos 1969-1970 de seu Seminário. Lacan propõe que estas profissões das quais fala Freud são impossíveis somente quando aquele que procura operar no mundo o faça desde a posição do *mestre*, ou seja, desde a posição subjetiva daquele que quer “ver as coisas funcionarem” e que, para tanto, supõe um domínio completo sobre as ferramentas que utiliza. Pensar não é justamente *transpor*, como nos incita Ernst Bloch (p.14)?

Logo se percebe que um ato propriamente dito - seja ele analítico, filosófico, ou de qualquer outra ordem - é impossível desde a posição do mestre, uma vez que alguém que procure trabalhar completamente alienado ao *discurso da Tradição* acaba havendo-se com a dimensão do *impossível* em sua faceta de despotencialização do *novo*. Pressupor algo da ordem da incompletude *no* e *do* que já foi dito não seria condição para a inovação? Re-estabelecer a dimensão de *mistério* ao passado pode ser entendido justamente como tomar a Tradição como um enigma que cada um resolverá - se resolverá! - ao seu modo, à sua maneira. É receber uma herança, e não um conjunto de mandamentos.

Retomando a questão com a qual abrimos este breve escrito: O que se espera de um filósofo? Ora, pode-se realmente falar de *um filósofo* - ou, melhor ainda do *Um-Filósofo* -, como se esta nomeação garantisse de antemão àquele que é nomeado a qualidade de *filosóficos* aos seus atos? Não seria justamente esta a posição daquele que se encontra com a impossibilidade como limite e não com a impossibilidade como assombro produtivo? É o filósofo que opera o ato filosófico ou é o ato filosófico que, *après-coup*, produz o filósofo? Em termos mais simples: haveria como pensar, de antemão, em uma garantia para o surgimento do *novo*?

Referências Bibliográficas

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

FREUD, Sigmund. Prefácio a *Juventude Desorientada, de Aichhorn* [1925]. in. *E.S.B. das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. RJ: Imago Editora LTDA., s/d, pp. 337-343.

_____. Análise Terminável e Interminável [1937]. in. *E.S.B. das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. RJ: Imago Editora LTDA., s/d, pp. 239-287.

LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.